

Todo mistério é pouco

Esse ensaio já estava quase pronto quando os astronautas da missão Artemis II passaram cerca de sete horas observando a superfície lunar, revelando uma Lua que ninguém nunca tinha visto antes. Quando a nave passou pelo lado oculto da Lua, os sinais de rádio sumiram e os astronautas ficaram cerca de 40 minutos sem comunicação com a Terra. Uma das imagens mais impressionantes foi o “pôr da Terra” – como acontece com o Sol todos os dias, agora éramos nós que estávamos desaparecendo atrás do horizonte.

Assistindo às imagens e aos áudios, não consegui deixar de pensar nas visitas ao ateliê de Tatiana Chalhoub e nos trabalhos da exposição *Noite Quente*. Lembrei especialmente da primeira visita, quando ela me falou de uma inquietação que estava servindo de norte para essa produção: como deve ser uma floresta urbana quando estamos dormindo, aquela em uma cidade como o Rio de Janeiro, que não vemos quando todas as luzes estão apagadas? De alguma maneira, essa vida que acontece mesmo quando não estamos vendo estava ali, nessa face até então oculta da Lua. Nada mudou, mas tudo está diferente.

Há algo de fabular em *Noite Quente*. Não quero dizer com isso que as obras de Chalhoub são fábulas, mas sim que se valem dessa maneira de operar no mundo. Em suas cerâmicas, bronzes e pinturas somos apresentados a jardins, florestas, mares e lagos, habitados por casulos, insetos, pássaros e colmeias. Mistério e encantamento percorrem todas essas imagens, impregnados em cada uma das silhuetas. Estão nos cheios, nos vazios e nos espaços entre. Existe nesse conjunto uma investigação sobre como formas mínimas podem conter sistemas inteiros de mundo. O interesse por estruturas e processos básicos não busca a simplificação, mas a condensação: o menor gesto é capaz de ativar uma cadeia de transformações, mutações, metamorfoses.

Para começar, vem sempre o desenho. Era uma vez, muitas vezes, uma linha, várias delas, que habitavam o papel. Algumas seguiram para as telas. Essas deixaram de ter relação com o punho para ganhar outro corpo, na distância do braço inteiro. No processo da pintura, reafirmaram sua presença ganhando personalidade, ou viraram lembranças de outras histórias possíveis. Outras linhas deixaram o papel para existir na cerâmica, no bronze ou na colagem. Ganham corpo em outros materiais, em formas que se articulam. São como linhas orgânicas, que existem nesses momentos de encontro.

Na sua prática, Tatiana Chalhoub articula pintura, cerâmica, bronze e colagem em um mesmo sistema operativo. Mais do que disciplinas separadas, esses meios são estados distintos de uma mesma linguagem pictórica expandida. A pintura é o eixo estrutural, mas é constantemente atravessada por procedimentos de fragmentação, montagem e reencarnação material. Elementos que surgem como resíduos, recortes ou partes isoladas retornam em outros trabalhos, deslocados de escala e de suporte. São matéria viva, produzindo uma lógica de circulação interna entre as obras. Aqui, pintura, cerâmica, bronze e colagem não constituem disciplinas autônomas e estanques, mas diferentes momentos de uma mesma matéria.

Essa matéria é uma espécie de mistério que a artista insiste em manter presente. Tatiana fica satisfeita quando é surpreendida pelo trabalho, quando leva um susto, ou quando sente que aprendeu uma coisa nova com ele. Se interessa pelo “errado que vai dar certo”, pelo processo como chave para a produção. Talvez seja a alquimia que vem da cerâmica, do calor produzido quando o forno é fechado e só é aberto dias depois. Cada peça experimenta ciclos repetidos de forno, fazendo do tempo uma variável concreta do trabalho: espera, resistência, erro e reconfiguração são mecanismos de transformação contínua das formas. E o que acontece ali, longe dos olhos e em um tempo próprio, impregna tudo o que está em volta, fazendo, por exemplo, com que pintar seja como amassar o barro.

Essas obras enfatizam também a importância do movimento. Cada uma traz em si mesma um exercício diferente de distanciamento e aproximação. Essa dinâmica ecoa no espaço expositivo. *Noite Quente* não é uma exposição para ser vista parado. É preciso caminhar por esse ambiente em que a percepção é continuamente colocada à prova. É entre a proximidade e a distância que essas obras existem. A oscilação entre micro e macro não é apenas formal, mas estrutural: o trabalho depende do movimento do corpo no espaço para se completar. A experiência não é frontal nem contínua, mas fragmentada, como se a imagem fosse construída por aproximações e distanciamentos sucessivos. E então nos damos conta de que o que vemos são quimeras, que a todo momento nos lembram que basta um passo e já não estamos mais no mesmo lugar.

Fernanda Lopes